Luzes Naturais

Antônio Leal

Jonathan sempre foi um cara estranho. A maioria das pessoas não costumava perceber isso, claro, era difícil perceber algo a respeito dele que não fosse a aparência impecável, a atitude extrovertida ou a completa ausência do receio em gastar dinheiro. Quando se combina todas essas características, dificilmente alguém vai se incomodar em questionar e entender as raízes mais profundas do indivíduo, principalmente quando o indivíduo em questão se parece e age pouco além de um playboy, mas eu via por debaixo de todas essas superficialidades.

Eu e Jonathan nos conhecemos no fundamental, eu estudava numa escola particular no qual tinha uma bolsa de desconto que minha mãe conseguiu por trabalhar lá como faxineira. A experiência de estudar lá tendo um padrão de vida tão abaixo é algo que eu não desejaria a ninguém, não precisa ser dito, todos sabem que você não vai comprar um lanche na hora do intervalo, todos sabem que você não faz nenhuma aula particular e todos sabem que você não vai para nenhum lugar longe nas férias. Essa sensação é a pior parte, sentir-se excluído, longe daquela vida que parecia tão banal para todos a sua volta e que você, mesmo com toda a imaginação infantil à disposição, falhava em visualizar como seria ter todas aquelas coisas como parte de uma rotina. Talvez, mesmo quando criança eu reparasse demais nessas sensações, mas Jonathan não, ele sempre me acolheu e por isso, nos tornamos amigos a partir do primeiro momento que dividimos o mesmo ambiente, e isso já faz anos. Ele sempre teve uma coletânea de interesses indescritivelmente semelhantes e ao mesmo tempo, avessos uns aos outros, entomologia, física, acupuntura, astrologia, lugares ermos e ambientes inexplorados, lendas e folclore de povos longínquos e

outros interesses que vindos de qualquer outro indivíduo menos compatível com os padrões sociais, o colocariam como um esquisitão, mas como eu disse antes, um cara igual ele tendo esse tipo de interesse o tornava interessante e de um certo modo, aventureiro, tal qual um Indiana Jones mais jovem e sem chicote.

Sendo assim, não me era estranho quando ele me ligou decidido a visitar algum deserto do oriente médio, o qual não me recordo, mas tinha algum nome difícil, bem mais que Sahara. Ele havia me convidado para ir junto, ele inclusive se ofereceu para pagar a maior parte das minhas despesas da viagem porquê, segundo ele, aquele lugar guardava mistérios nos quais ele gostaria de compartilhar as descobertas comigo. Eu tive que recusar a proposta, não só porquê eu raramente o acompanhava nessas aventuras, mas também estava chegando próximo a conclusão do meu mestrado e não poderia me dar ao luxo de ficar tanto tempo fora. Ele obviamente ficou decepcionado, dessa vez mais do que o de costume, como de quando eu me recusei a ir com ele em uma expedição na porção amazônica do Suriname e bem mais do que quando eu não fui junto explorar algumas montanhas na Etiópia, o que posso dizer? Não sou do tipo que costuma sair de casa, quem dirá do país. Dessa vez todavia, foi diferente; ele não falava tanto das paisagens e das espécies que lá viviam e sim das lendas locais. Não era incomum para ele ir a um local remoto do mundo para observar os rios e ao mesmo tempo, torcer para cruzar com um pé grande ou algo do gênero, mas nesta oportunidade parecia é que as lendas folclóricas do deserto era tudo que lhe interessavam, eu até diria que ele estava fissurado, talvez por isso a decepção extra de eu negar mais uma vez.

No fim, eu creio que esta viagem foi diferente das outras, ele começou postando diversas fotos como sempre fazia, acordando às quatro da manhã, indo para o

aeroporto, todo aquele trâmite comum de quem tem rotinas invejáveis para mostrar a milhares de seguidores em suas redes sociais; mas conforme os dias de viagens foram passando, ele começou a postar cada vez menos. Era óbvio que isso ocorreria, afinal eu duvido que eles tenham boa internet no meio de um deserto do oriente médio, porém, quando passou o dia da volta dele, seguiu sem nada. Eu sabia que ele tinha voltado e chegado em casa pois ele me avisou, trocamos poucas mensagens mas todas que ele me mandava tinham um tom estranho; ele não me mandou nenhuma foto, não contou nenhuma história maluca do que viu ou de como foi a viagem e, incomumente, era eu quem estava mandando a maior parte das mensagens, sendo respondido basicamente só com variações de “sims” e “nãos”. No começo eu estranhei mas presumi que deveria ser só cansaço, conforme o tempo foi passando, as mensagens foram ficando mais esparsas ao longo dos próximos dias e começaram a adquirir um tom macabro, onde ele constantemente se referiria a algo ou alguma coisa que estava dentro da casa dele, e pelo que eu compreendi, espreitando-o. Eu o aconselhei a chamar a polícia mas ele se demonstrou bastante relutante, “não acreditariam em mim” ele dizia, então eu decidi visitá-lo, para ter certeza que ele estava bem.

O apartamento dele, como era de se esperar, um condomínio de alto padrão em uma parte bem localizada da cidade, só esse detalhe já diminuía as minhas suspeitas de alguém realmente estava dentro de seu apartamento, caçando-o para lhe fazer mal, afinal, quanto tempo alguém conseguiria ocultar sua presença dentro de um apartamento em um condomínio de luxo com medidas de segurança de última geração?

Parei o carro em um dos vários portões, logo em frente a sua cancela. O condomínio era maior do que eu me

lembrava, uma cerca alta e eletrificada se fazia como uma muralha, de padrão intricado e com suas eletrificações adicionadas do design do imenso paredão,, fortificava todo o perímetro que certamente cobria mais hectares do que eu me atreveria a tentar adivinhar.

— O portão de entregas é o outro — o porteiro falou através do alto falante embutido na barreira — Vai ter que dar a volta.

— N-não senhor… — eu disse, sendo abruptamente retirado das minhas atividades de observações urbanas — eu estou aqui para visitar um amigo.

Após uma breve pausa, a voz estática vinda do equipamento soou ríspida, pedindo mais informações a meu respeito. Após passar por todo o protocolo de segurança e inspeção, ele finalmente ligou para o apartamento de Jonathan. Ele demorou o que pareceu uma eternidade, talvez estivessem conversando sobre algo mais, mas finalmente ele me concedeu passagem.

Como era esperado, a interna do condomínio era gigantesca, com ruas asfaltadas para se transitar lá dentro, lojas próprias, áreas de lazer e espaços para os mais variados tipos de atividades. Vendo tudo isso, eu só conseguia me perguntar como alguém pode se sentir assombrado em um lugar assim, seguro, cheio de outras pessoas e com tantos recursos à disposição, por deus, eu não duvidaria que eles tivessem uma delegacia própria aqui dentro. Eu poderia guardar essas dúvidas para questionar Jonathan pessoalmente, enquanto isso, dirigi até a garagem de seu bloco como já tinha feito outras tantas vezes e deixei meu carro na vaga de visitantes que o condomínio dispunha. Desci do carro e mandei uma mensagem para Jonathan, avisando que estava subindo o prédio até seu apartamento, que por sinal ficava no sétimo andar. Ao sair do elevador, estranhamente senti um finérrimo calafrio na espinha, aquele corredor parecia

longo e mais escuro que o normal, como se eu soubesse que trafegá-lo iria absorver minhas energias, eu nunca havia sentido nada semelhante antes. Quando me dirigi até o apartamento do Jonathan, a porta já estava entreaberta, então eu simplesmente entrei. O apartamento estava muito escuro, mais do que o normal para o horário no qual nos encontrávamos, porém ainda sim era o mesmo apartamento no qual sempre visitei todos estes anos. Embora o condomínio seja luxuoso e a interna do apartamento seja enorme, sempre me caiu como uma arquitetura bastante simplória; a porta dava direto para o cômodo principal do apartamento, onde nele se dividiam a sala e a cozinha. A cozinha ficava perto da porta de entrada, com os armários e eletrodomésticos se estendendo ao longo das paredes ao lado, com uma bancada de bar armada de costas para a sala de estar mobiliada com poltronas, sofás e racks estilizados para combinar com a estética do apartamento, a sala era separada da cozinha por alguns degraus descendentes. Ao fundo da sala de estar, a parede era feita de vidraças, onde no meio uma porta de correr de vidro abria passagem para a sacada do apartamento. Nas laterais do grande cômodo, abriam-se corredores de ambos os lados com mais cômodos e quartos, obviamente menores. Na primeira porta do corredor esquerdo ficava o quarto de Jonathan e na porta no fim do corredor, o banheiro. Os outros dois cômodos existentes naquele corredor eu não sei qual fim ele deu, nem para os outros dois cômodos no outro corredor, que também tinha um banheiro na porta ao final.

Assim que entrei, parei na porta e chamei Jonathan pelo nome, sem resposta. Procurei o interruptor e quando finalmente liguei as luzes do apartamento, pude ver o estado no qual se encontrava: Restos de comida jogados pela cozinha e pela sala, mobília suja e manchada, roupas

jogadas pelo chão e marcas nojentas nas vidraças da sacada, eu poderia jurar que aquela casa tinha sido utilizada por uma família de gambás por duas décadas ao vê-la naquele estado. A pior parte era de longe, o cheiro rançoso. ele agarrava-se nas minhas narinas e não soltava por nada, parecia envolver-se na minha garganta e tentar me esganar. Foi reparando naquele caos que eu comecei a ouvir uma movimentação dentro do quarto de Jonathan, eu o chamei de novo, sem resposta. A movimentação ficou mais intensa, como se alguém estivesse se debatendo lá dentro, eu fui até a porta do quarto e tentei abrir enquanto chamava o nome dele, a porta estava trancada. De alguma forma, o cheiro era ainda pior perto do quarto de Jonathan, seja lá o que estivesse ocorrendo com ele certamente iria precisar de ajuda médica. Foi quando a movimentação finalmente parou e eu ouvi o sonoro *Clac* da porta destrancando.

—Que bom que você veio. — Disse Jonathan, abrindo a porta e mostrando apenas ele mesmo, envolto na escuridão daquele quarto. —Eu estava te esperando.

Ele acompanhava o estado da casa, com o rosto sujo, cabelos oleosos e desgrenhados, sem camisa e descalço, apenas com uma calça alguns vários números menores das que ele costuma usar, ele também carregava consigo um fedor próprio.

—Jonathan, o que diabos aconteceu aqui?

Eu questionei, certamente atormentando pelo cenário em que ambos nos encontrávamos

—E-eu sei, parece bem ruim, essas últimas semanas não tem sido muito boas para mim.

—Não *parece* bem ruim, *Está* bem ruim. Meu deus, o que aconteceu com você?

—Vem comigo, eu explico tudo.

Ele disse enquanto abria a porta e entrava quarto adentro, sumindo na escuridão. Mesmo com a porta

completamente aberta, o quarto continuava igualmente escuro, como se a luz não tivesse permissão para passar daquele ponto.

—Não, espera aí — eu disse enquanto recebia uma lufada daquele cheiro fétido no rosto —Você tem que se limpar primeiro, deus, limpar essa casa, isso aqui está nojento, eu vou no banheiro buscar um aromatizante para aliviar o cheiro.

Assim que eu me virei para o corredor e comecei a ir até o banheiro, uma voz que eu quase não reconheci, berrou de dentro do quarto escuro:

— *NÃO!*

Por alguns momentos, eu me questionei se aquela voz era mesmo de Jonathan ou se ela sequer poderia ser humana. Enquanto eu congelava no lugar, ele reajustou a fala:

—Quer dizer, depois, o que eu preciso te contar é urgente, entre por favor.

Eu achei melhor acatar o pedido, Jonathan devia estar passando por algum episódio psicológico então achei melhor não o contrariar.

Eu entrei no quarto e liguei a luz, surpreendentemente, embora bastante bagunçado, o quarto parecia menos pior que o restante da casa, longe de bom, mas desconsiderando o cheiro pungente que agora eu percebia estar emanando de Jonathan, era de longe a parte mais habitável daquela casa que eu vi desde que entrei, isso me deu alguma esperança de que talvez Jonathan não estivesse tão perdido assim.

Jonathan estava sentado em sua cama, e enquanto eu me dirigia a janela para abri-la, ele começou a contar:

—Eu nunca deveria ter ido naquela viagem, eu deveria ter feito como você e ter ficado na minha rotina patética de sempre.

Eu parei enquanto abria a janela, olhando para fora,

aquelas palavras soavam muito estranhas, nada nelas refletia o Jonathan que eu conhecia, parecia que a fala dele estava alojada na boca, despencando para fora sem que ele tivesse ciência do que estava dizendo. Quando me virei para ele, estava olhando para baixo, escondendo o seu olhar de mim, com os braços caídos ao lado do corpo. Nitidamente era o meu amigo sentado naquela cama, mas em nada parecia com ele, a expressão corporal, as palavras, o olhar, era como se tivessem lhe arrancado a alma.

—Como assim?

Eu perguntei, agora me preocupando em extrair respostas para tentar entender o que estava acontecendo e ignorando a ríspida fala dele em relação a mim.

—Eu queria visitar aquele deserto, eu achava que a minha mente limitada era capaz de compreender as coisas que lá vivem, eu futilmente queria visitar as ruínas, queria ver algo incrível, descobrir algo para dar sentido a minha pífia existência, foi para isso que eu viajei para lá.

Aquele tom de desdém, beirando o asco que ele adotava ao falar de si mesmo era extremamente bizarro, quem fala coisas do tipo a respeito de si próprio? nesse tom ainda por cima? principalmente Jonathan, que sempre foi confiante e às vezes até mesmo cabeça dura, isso ainda sem contar as estranhas escolhas de palavras que eu nunca vi ele usando. Jonathan prosseguiu:

—Eu tinha contratado um grupo para uma expedição pelo deserto, principalmente para visitar as ruínas de alguns santuários e templos, até que eu ouvi histórias sobre algumas ruínas fora da nossa rota. O grupo da expedição não queria ir até lá de jeito nenhum, diziam algo sobre serem proibidas, então eu tive que convencê-los com a única coisa que existe de verdade para gente do tipo deles: dinheiro. As ruínas estavam longe dali e quando finalmente chegamos, fomos pegos por uma tempestade de

areia e tivemos que nos abrigar nas ruínas e acampar lá até que a tempestade passasse. Foi durante a noite que ele me viu. — Nesse momento Jonathan se voltou para me olhar nos olhos, mas seu olhar me era estranho, como se enxergasse através de mim, enquanto suas palavras soavam trêmulas e aterrorizadas. — Ele se deixou ser visto, ele queria que eu visse até onde a minha arrogância tinha levado todos naquela expedição.

—Ele quem?

Eu interrompi, tentando entender de quem diabos ele falava com tanto medo, mas ele me ignorou e seguiu falando:

—Durante a noite, membros do grupo desapareceram sem deixar rastros, apenas eu sabia porquê, os outros me questionaram mas eu não disse nada porque era covarde demais para admitir que eu deveria ter escutado os avisos e não deveria ter cruzado o caminho dele.

—ELE QUEM? DE QUEM VOCÊ ESTÁ FALANDO JONATHAN?

Eu gritei, perdendo a paciência com aquela fábula maldita.

—Nós fomos embora pela manhã — ele seguiu falando, olhando na minha direção com olhos que não combinavam com o tom da fala, como se fossem os olhos ea boca de duas pessoas diferentes em um mesmo corpo. —Mas ele nos seguiu, ele veio atrás de mim até aqui, através do mar, e agora ele está aqui agora conosco.

Assim que ele terminou de falar, o olhar dele adotou uma malícia vil, que agora encarava o fundo dos meus olhos. Ele seguiu, apenas me fitando, me permitindo absorver tudo que ele me contara. Eu ainda acreditava ser algum efeito psicológico decorrido de algum trauma na viagem, mas como poderia alguém ficar *desse* jeito?

Foi então que as palavras finais dele começaram a retumbar em minha mente; *“ele está aqui agora conosco”*

—Ele está aqui, Jonathan? onde?

A única resposta que obtive foi aquele contínuo olhar maldoso que ele dirigia para mim, nesse momento eu lembrei da reação exagerada de Jonathan quando eu disse que iria ao banheiro, talvez o que ele se refira esteja lá dentro.

—Espere aqui ok? eu vou buscar uma água para ver se ajuda.

Quando eu finalmente parei de olhar para Jonathan, percebi que já era noite e o apartamento estava estranhamente escuro, mesmo com as luzes ligadas, como se toda e qualquer fonte de iluminação estivesse enfraquecida.

Ele continuou me observando até eu sair e fechar a porta para que ele não visse onde eu estava indo, afinal eu tinha medo que ele tivesse alguma outra reação estranha caso soubesse onde eu estava indo . A passos discretos, fui me aproximando do banheiro, mas minha postura furtiva foi logo desbancada pelo cheiro que ficava mais forte conforme eu me aproximava. Este era diferente, era de alguma forma pior que qualquer outro e que eu nunca tinha sentido antes, eu senti a bile subindo a minha garganta e eu tive que fazer um esforço tremendo para não vomitar ali mesmo, seja lá o que estivesse ali certamente não seria agradável. Quando abri a porta do banheiro, estava quente lá dentro e o cheiro estava pior, a escuridão ali dentro parecia palpável, quase acreditei que minha mão não conseguiria penetrar além do portal para dentro do banheiro, tateei na parede até achar o interruptor. Quando eu liguei a luz, desejei com todas as forças que não tivesse o feito.

Não havia nem sinal das pernas ou da virilha, a parte superior do torso estava intacta exceto pelo talho na garganta. O braço esquerdo tinha sido arrancado e o direito estava quebrado com uma fratura exposta, assim

jazia o cadáver de Jonathan, completamente despedaçado no chão de porcelanato. Eu caí e de joelhos e vomitei, de repente o cheiro tornou-se a coisa menos problemática de toda aquela situação, eu não conseguia chegar mais perto, não conseguia reunir coragem para fazê-lo e antes que eu conseguisse derramar uma lágrima, um som eletrizou cada fibra do meu ser e me pôs em choque: a porta do quarto de Jonathan abrindo.

Eu sabia que ele estava ali, no fim do corredor, esse pensamento me pregava no lugar, eu fechei os olhos, torcendo para que tudo fosse um pesadelo, uma alucinação. Não sei quanto tempo passei dessa forma, mas quando eu abri os olhos, nada havia mudado, meu coração parecia que iria parar de funcionar a qualquer momento, o som dos meus batimentos ecoando pelo meu cérebro até eu finalmente reunir toda força que me restava para me virar e olhar nos olhos aquela coisa se passava pelo meu amigo.

Quando levantei e me virei para o corredor, a casa estava envolta naquela escuridão sobrenatural mesmo com as luzes acesas e agora aquela coisa que fingia ser Jonathan espiava apenas com um olho para fora do quarto, escondido. Assim que ele percebeu que foi visto, atirou-se para dentro do quarto e foi aí que começou o pior som que eu já escutei na vida: era o mesmo que escutei quando cheguei ao apartamento, só que agora, com a porta aberta o som fluía sem impedimentos, deixando o que antes parecia apenas alguém se debatendo, como uma cacofonia de sons molhados e grudentos de carne sendo movida, os estalos de ossos se partindo e coisas sendo derrubadas no quarto até o momento onde ele abruptamente cessou. Eu fiquei estático e o mundo pareceu cair em silêncio e eu fiquei ali, petrificado de medo e choque, até um som diferente ecoar no apartamento: Passos, passos pesados e lentos até a criatura

que eu creio ser *Ele* , emergir do quarto.

Era enorme, tinha dificuldade de passar pelo portal da porta do quarto, com as costas batendo no teto mesmo curvando-se para frente, completamente coberto de pelos escuros que pareciam absorver a luz a ponto de parecer-se apenas um borrão. Era humanóide mas as pernas lembraram as patas traseiras de um cão, com os calcanhares elevados, os braços, finos e esqueléticos desciam a frente do corpo chegando ao chão, com garras em forma de gancho onde deveriam estar as unhas na ponta dos longo dedos que possuía. Nenhuma dessas características se comparava ao rosto da besta, o formato verdadeiro dele era ocultado por uma larga juba de cabelos desgrenhados e sujos que se formavam ao redor da cabeça, dando uma espécie de contorno circular, quase lembrando um sol com raios nojentos emanando de toda sua circunferência. O nariz era estranhamente humano, destoando completamente do conjunto como a coisa mais normal presente naquelas feições, a boca estava abarrotada de dentes e presas mal distribuídos. a mandíbula inferior deformada pela absurda quantidade deles, com os lábios e bochechas perfurados pelos dentes maiores presentes naquela bocarra que apesar disso tudo, parecia tentar dispor-se em um sorriso. Por fim, aqueles olhos que antes haviam sido mascarados pelos de Jonathan que deixavam escapar a malícia da criatura, agora dispunham-se afastados um do outro com um brilho amarelo nojento vindo da esclera de cada um, que abrigavam pupilas escuras que quando encaradas, pareciam abrigar o próprio conceito de maldade dentro de si.

Foi enquanto eu reparava em todos aqueles horripilantes detalhes daquela criatura que agora jazia imóvel no corredor, que ela escancarou a boca e desatou uma fala com uma tortura sonora que eu não me atrevo a

chamar de voz, cada segundo ouvindo aquilo era como se agulhas fosse inseridas dentro dos meus tímpanos, tentando me levar a loucura:

—O que foi? Tem medo?

Antes que eu compreendesse o que a criatura estava falando, ela atirou-se para dentro do quarto, onde novamente ecoaram aqueles sons grotescos, desta vez demorando menos para cessar, e assim que o fizeram, uma mulher despida saiu do quarto falando, dessa vez em uma fala humana e suave:

—Melhor assim? ou talvez você prefira algo diferente? — novamente a coisa se atirou para um dos outros quartos que ficavam na outra parede do corredor em uma velocidade absurda e logo após os sons, saiu dali um velho corcunda, também despido.

—E agora?

Ele perguntou em tom irônico antes de, novamente, recolher-se a escuridão do cômodo que tinha as luzes apagadas.

—Q-quem… o que é você?

eu perguntei tentando ao máximo conter as lágrimas de desespero que começavam a se acumular em meus olhos. Como algo assim poderia existir? Como poderia isso ser real? Por que ele estava aqui?

—Poucos tiveram a chance de me fazer perguntas. Chegue mais perto.

Eu hesitei, demorei o que pareceu horas para me mover, mas ele parecia ter uma infinita paciência, creio que estivesse apreciando a sensação total de controle que tinha sobre a situação. A passos curtos eu parei na frente do quarto, olhando para o restante da casa, sem olhar para dentro do quarto, eu podia sentir a respiração dele no meu ombro.

—Olhe. — ele grunhiu, e assim eu o fiz.

Ele estava parado logo atrás do portal da porta, com os

olhos brilhando na massa de escuridão que preenchia o cômodo, olhando no fundo dos meus.

—Você tem alguma ideia do que eu sou?

Ele agora falava com uma voz monstrenga, mas audível, como se baixasse o tom da sua voz para falar comigo, tal qual se faz para com a uma criança.

—Um monstro?

Eu respondi, já que além de não ter ideia do que responder, eu me ocupava em reparar no olhar da criatura, que parecia o mais expressivo a existir. Tudo que ela dizia era confirmado ou desmentido pelo seu olhar, com suas mudanças de formas, talvez aquilo fosse a única coisa que fosse realmente *ele* .

—Sim, um monstro, tudo é monstruoso para quem não conhece o mundo a sua volta — ele atestou, aceitando a minha resposta.

—P-por que? por que você está fazendo isso?

—Seu amigo era um tolo, você também, todos vocês são. — ele inclinou-se para frente — eu fiz questão de lembrá-lo disso até o fim. Ele atravessou os avisos de uma terra do qual nenhum homem faz parte e violou minhas posses, que ele acreditava serem de ninguém.

Enquanto falava, ele começou a sair do quarto e vir em minha direção, para equalizar a distância, eram necessários três passos meus para trás para cobrir um dele para frente.

—E-eu garanto que ele não queria de-desrespeitar — Eu gaguejei tentando encontrar o que dizer, tentando apaziguar a besta — eu garanto que ele não sabia e…

—CLARO QUE NÃO SABIA — ele urrou, voltando o tom de vozes agulhas nos tímpanos que eu ouvira da primeira vez — NENHUM DE VOCÊS SABEM DE QUALQUER COISA.

Ele estendeu o longo braço bruscamente e segurou-me pelo torso, no qual ele conseguia fechar a mão em torno

completamente.

—Eu estava aqui muito antes do primeiro de vocês plantar uma semente ou acender uma fogueira — ele agora aproximava o rosto do meu para me olhar mais de perto — e estarei aqui quando o último de vocês fechar os olhos para sempre.

Enquanto ele falava, as luzes seguiam enfraquecendo.

—Vocês violam as leis criadas antes da sua chegada, abusam do que existe, moldam a própria vida a base de ofensas a tudo que bateu o chão no qual pisam. Vocês acham que seus prédios e muros, ferramentas e luzes podem protegê-los do que não compreendem?

Num rápido movimento, ele me arremessou ao outro lado do apartamento como se eu fosse uma boneca de pano, onde eu rolei pelos degraus entre a sala e a cozinha. Com a visão desnorteada e turva, eu vi agora a completa escuridão do apartamento, com a luz das lâmpadas e eletrônicos sendo oprimidas para dentro de seus containers, vidros e visores. A única fonte de luz que estava liberta naquele escuro, eram os olhos furiosos da criatura:

—Seu amigo foi até mim, em minha casa, trazendo consigo as pragas que os homens se apossaram e chamaram de suas criações, então eu o segui até aqui, e mostrei a ele as minhas pragas pessoais. Ele estava morto a dias antes de você vir, eu lhe trouxe aqui para testemunhar as forças que você se recusa a crer com cada fibra do seu ser, mesmo tendo sido arremessado no chão por elas. Você vai dizer aos outros o que viu, o que eu lhe disse e é apenas por isso, pelo meu capricho, que você viverá o dia de amanhã, para servir de aviso.

Quando ele terminou de falar, a luz de seus olhos começou a sumir junto daquela escuridão que lentamente se dissipou, deixando as luzes do apartamento novamente impregnar o local com a sua luminosidade. Ele havia

simplesmente desaparecido.

As semanas seguintes foram um borrão na minha memória, não me recordo de como a polícia chegou lá mas ela certamente o fez; fiquei sob custódia algum tempo, eu fiz a vontade da criatura e disse a todos exatamente o que ela me disse e o que eu vi, ninguém acreditou mas eu não os julgo. quem acreditaria naquela história? eu mesmo não o faria. Fiquei um bom tempo detido pois eles tinham certeza de que eu era o culpado, mas a cena do crime não sustentava tal teoria, como o fato de que Jonathan estava morto a dias e que não era possível eu ter entrado lá antes por conta do sistema de segurança do condomínio e álibis no qual eu poderia provar. Após algumas semanas de laudos mentais, interrogatórios e advogados eu finalmente fui liberado para ir para casa, na condição de continuar exames mentais nas semanas seguintes para averiguar meu estado e averiguar minha saúde mental. Mas eu creio que a essa altura nada disso importa mais, pois hoje quando eu finalmente entrei em casa, reparei como tudo estava anormalmente escuro.